

**SOBRE A LENDA DO TIMBÓ,
NARRATIVA ORAL INDÍGENA DE CLEMENTE FLORES:
IDENTIFICANDO SEMELHANÇAS
COM OBRAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

Leonor Soares Cravo (UERR)

leonorcravo@hotmail.com

Devair Antônio Fiorotti (UERR)

A lenda do Timbó, narrada por Clemente Flores, da comunidade Sorocaima I, é parte integrante do “Projeto de Narrativa Oral Indígena: Registro e Análise na Terra Indígena do Alto São Marcos/RR” foi coletada com base na metodologia da história oral. Tendo como matéria prima a memória, a narrativa oral se apresenta como meio para compreendermos comportamentos, comunidades, fatos, acontecimentos até então não disponíveis em outros tipos de fontes. Verena Alberti esclarece que a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita (ALBERTI, 2005, p. 155).

A pesquisa oral, portanto, tem métodos próprios que precisam ser seguidos para se tornarem posteriormente fontes de pesquisas. Bom Meihy, em caminho complementar, diz:

A fonte oral é mais que história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo que é gravado e preservado constitui em documento oral. Entrevista, porém, é história oral em sentido estrito (BOM MEIH, 2007, p. 13)

A narrativa oral sobre a lenda do Timbó, como objeto integrante do projeto, enquadra-se no que Meihy chamou de história oral em sentido estrito. Possui propostas e objetivos específicos relacionados à oralidade, buscando construir um registro formal que seja, inclusive, fonte de pesquisa para estudiosos e pesquisadores a partir da proposta inicial.

Encontramos no “Projeto Narrativa Oral Indígena: Registro e Análise na Terra Indígena do Alto São Marcos” a disponibilidade pública, mas principalmente voltada como objeto de estudo para o meio acadêmico dentro das diversas áreas. Completando esse pensamento, Cândida Gancho diz:

Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações. Os mitos – histórias das origens (de um povo, de objetos, de lugares), transmitidas pelos povos através de gerações (GANCHO, 2002, p. 6)

Dentre as diversas possibilidades de narrativas, podemos citar lendas, mitos, contos, adivinhas, novela, filmes de cinema, história em quadrinhos, notícia de revistas e jornais em geral.

Sobre as narrativas orais indígenas Ananda Machado declara:

São transmitidas de geração em geração, contêm uma parte significativa de sua memória. Eles elaboram ao longo do tempo, uma literatura refinada que vem sendo transmitida oralmente. Essa literatura oral, em parte, vem sendo recolhida, transcrita por alguns estudiosos competentes em língua indígenas e fazem parte do seu patrimônio, contribuindo para veicular etnosaberes e conhecimentos variados e acumulados por esses povos (MACHADO, 2010, p. 5)

1. A análise estrutural da lenda do timbó

A narrativa de Clemente Flores conta a história do surgimento da planta Timbó, uma espécie de cipó trepador muito conhecido no norte do Brasil e bastante usada nesta região para matar peixes. A lenda reza que onde foi enterrado o “osso de membro” (pênis) nasce o timbó doce e onde gotejava o sangue nasce timbó venenoso.

Gancho defende que o enredo como estrutura apresenta as seguintes partes: exposição (ou introdução ou apresentação); complicação (ou desenvolvimento); clímax; desfecho (desenlace ou conclusão) (GANCHO, 2002, p. 11). O Sr. Clemente nos apresenta a história da lenda do Timbó iniciando com uma pergunta ao entrevistador o senhor conhece Timbó? Que mergulha dentro d’água para poder matar peixe [...] Meu pai contando essa história, que teve um rapaz, uma criancinha de mais ou menos três anos mais ou menos. Ele era chorão, chorava demais, chorava. “Te cala, meu filho [imita som de choro]... “Não quero filho chorão não! Ah, raposa, leva esse menino pra ti...”. Aí deixou lá fora... D’estar que a raposa andando, Dona Raposa, “aí umbora, meu filho”, pegou essa criança e levou.

O narrador nos apresenta como elementos estruturadores o enredo e as personagens. À medida que vai narrando a lenda, apresenta também o espaço e o ambiente. O foco narrativo se constrói a partir do estilo pessoal do senhor Clemente Flores. O narrador está em terceira pessoa, é onisciente o narrador sabe tudo sobre a história; é onipresente, ele está presente em todos os lugares da história.

O senhor Clemente apresenta ainda características de um narrador intruso, nos convida a participar da história, interage com o entrevistador durante toda a narrativa: “Esse daí, tu sabe como saiu? Tu sabe como sair assim, de raiz, timbó?”; “Aí ela saiu com esse filhinho chorão”; “[...] que tu sabe que raposa de noite anda ao redor da casa, né? Andando para pegar galinha”; “[...] ananás é silvestre, né?”; “Tu sabe que anta tem muito carrapato?”. Lígia Leite, em relação ao narrador intruso, diz:

Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, por trás, adotando um ponto de vista divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse de fora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história (LEITE, 1985, p. 27)

O narrador tem a preocupação de falar como as personagens falam e ainda traduz o que elas pensam e sentem: “Te cala, meu filho [imita o som de choro].” Ele faz modulações na voz, busca interpretar as personagens dando ênfase e vida aos diálogos. Esse caráter performático cria nuances significativas na narrativa, dinamizando o processo de contar história ao mesmo tempo em que cativa o ouvinte, levando-o a vivenciar de forma mais intensa a narrativa. Elisabeth Massaranduba defende que:

Estilo é o que empresta ao texto singularidade lingüística, tornando-o diferenciado. Podemos falar em estilo de época (estilo romântico, realista, barroco), figuras de estilo (metáfora, metonímia, hipérbole) e estilo individual [...] Apesar de um mesmo estilo literário (Romântico, por exemplo) definir várias obras (romances, contos, poesias), o que as diferencia é o manejo das possibilidades lingüísticas, que tornam única a produção de cada autor (MASSARANBUBA, 2010, s/p)

No que se refere à narrativa de Clemente Flores, o aspecto performático pertence ao estilo do contador de história, performance que vai da tentativa de incluir o ouvinte na narrativa, com as perguntas, ao ato de contar cambiando a voz, buscando imitar as personagens. Encontramos no estilo de Clemente Flores léxicos e sintaxes de seu cotidiano que aca-

bam por contribuir na construção de sua marca pessoal. Ainda nesta linha, Luiz Costa Pereira Jr diz que:

O estilo de um escritor, portanto, nada mais é senão o uso especial, às vezes reconhecível desde o primeiro instante, que caracteriza a escolha e a organização das palavras daqueles discursos nos quais a presença do autor, mais ostensiva ou velada, é o traço contínuo e marcante. Segundo Aristóteles (Retórica, Livro I), o bom discurso é aquele que adapta seu léxico e sua sintaxe à natureza do seu tema, à situação em que é proferido, ao público a que se destina e ao objetivo que busca (PEREIRA JR, 2009, p. 44)

Nessa linha de pensamento, o estilo de Clemente Flores é adequado ao que se propõe: contar uma história, convencendo seu interlocutor, principalmente pelo modo como é narrado, a respeito do que é narrado, também entretendo quem houve a história.

Quanto ao espaço na narrativa do Timbó, passa-se entre as fronteiras do Brasil e Venezuela, o narrador situa geograficamente o lugar onde se passa a história: “[...] por aqui pela Venezuela, por aqui pelo Brasil. Pelo Suapi [...]” O ambiente é caracterizado por rios, matas e a fauna local: raposa, [Dona Raposa], anta [Dona Anta], Mergulhão, Pato, Ariramba, Pássaros, Trairão.

Clemente Flores nos apresenta os animais como personagens da história. Eles assumem características humanas, personificadas. Eles interagem com os outros personagens humanos. Durante a narrativa encontramos, portanto, a Personificação, que segundo definição de Carlos Ceia origina-se do latim [*fictio personae*]: figura de retórica que consiste em atribuir qualidades, comportamentos, atitudes e impulsos humanos a coisas ou seres inanimados e a animais irracionais (CEIA, 2010, s/n).

São exemplos: “Se acostumou com ela [Dona Anta] como se acostumou com Dona Raposa”; “Tu vai ser meu marido”; “[...] tô grávida, tô grávida.”; “Dona Anta diz: “se tu quiser sair, saudar teu pai ou falar com teu pai...” Assim, na narrativa, as personagens adquirem características humanas, como querer sair, falar, tornar-se esposa de um humano, engravidar, dar ordens. Nessa mesma perspectiva, defende Massaud Moisés:

Prosopopeia [...] prósopon, rosto, pessoa, poieín, fazer. Também chamada de personificação. Figura retórica que consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, ausentes, mortos ou abstratos. Espécie de humanização ou assimismo (MOISÉS, 1995, p. 422)

A narrativa de Clemente Flores é recheada desse processo de humanização da natureza, tão comum à realidade mitológica indígena.

O tempo da história é cronológico:

O nome que se dá ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, isto é, do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear (que não altera a ordem em que os fatos ocorreram) (GANCHO, 2002, p. 21)

Clemente comenta sobre uma época que já passou, procura obedecer a uma cronologia que busca corresponder à realidade histórica do que aconteceu: “meu pai contando essa história que teve um rapaz [...]”. Destacamos algumas passagens do tempo transcorrido através de marcadores discursivos encontrados na narrativa: “uma criancinha de mais ou menos três anos”; “Aí ficou de noite”; “Já estava também um homenzinho”; “Passaram meses”. Esses marcadores discursivos oferecem a possibilidade para o ouvinte situar-se temporalmente na história.

O clima passa a ser construído por Clemente:

Ele ficou bêbado [...] já moro com uma anta, aí, essa minha mulher aí [...] agora, tenho um filho com ela [...]mas estava bêbado, né. Umbora matar, umbora matar pra nós comer! Aí esse rapaz disse: olha não vão matar na barriga. Olha, não vão matar na barriga. Matem na cabeça, senão vão matar meu filho.

A Dona Anta é morta para servir de comida. Nosso personagem nasce neste momento. Seu nascimento ocorre de forma trágica, pois a mãe é morta pelos próprios avós. Com o nascimento é revelado o seu poder, já no seu primeiro banho de rio. O seu destino. Está traçado. Nasce com poder e, a partir de sua morte, o nascimento da planta para poder perpetuar a substância que ele continha em seu corpo, capaz de matar peixes. Ainda merece destaque que o Timbó é filho de um humano com um animal, uma anta, o que é outro aspecto relacionado ao maravilhoso. Quando a sua característica mágica, assim narra Clemente:

Quando foram lavar dentro d'água, aí foi que começou a morrer peixe. Esse aí foi que, por aí que aconteceu assunto de timbó [...] Lavaram dentro d'água. Morreu muito peixe. Não pegavam peixe. Aí ficou grandezinho de sete, oito anos. Tinha um poço fundo. Aí “Meu filho, vamo lá pescar!” Aí chamavam ele de Timbó. “Umbora lá meu filho Timbó, umbora”. Mergulhou. Esse peixe que estava falando, aimara, trairão, poço fundo. Ali tinha bicho também. Aí mandaram ele mergulhar por ali assim, para matar aimara.

Observamos um momento de hesitação. Seria possível o acasalamento de um humano com uma anta? Ou ainda ele ser possuidor de uma substância própria capaz de envenenar peixes? Tzetan Todorov define o Fantástico como sendo a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 1992, p. 31). O texto leva a hesitar entre o natural e o

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sobrenatural através dos acontecimentos narrados, nos fazendo por alguns instantes acreditar na explicação de seu Clemente.

Contudo, do ponto de vista ficcional, somos levados pela narrativa de Clemente a vivenciar o mundo do Timbó. Filho de uma anta e um homem, com uma morte trágica da mãe, irá morrer também de forma trágica. A sua voz, se assim podemos dizer, vem de seu poder mágico de matar peixe, de contribuir para o sustento de todos.

O desfecho se dá quando as duas tias do Timbó, irmãs de seu pai, o pegam no jamaxim e andam com ele entre a Venezuela e o Brasil. Onde gotejava seu sangue já apodrecido nasceu à planta. Mas senhor Clemente deixa bem claro que onde foi enterrado o “osso de membro” nasce Timbó que não faz mal, Timbó doce. Nos demais lugares, nasce o Timbó venenoso.

Clemente reforça que é a partir deste momento que temos a planta timbó. Notamos a influência de senhor Clemente afirmando que nosso herói nasce com as características próprias de um veneno para matar peixes e que mesmo após sua morte, onde gotejou seu sangue, serviu para perpetuar a planta. Ocorrendo ainda o desmembramento de Timbó doce e Timbó venenoso. O narrador ao fazer tal afirmação nos proporciona uma condição de verdade para a história. O Timbó é efetivamente uma criatura existente a partir da narrativa do contador de história.

A linguagem utilizada é a do cotidiano de seu Clemente Flores: “Esse daí, tu sabe como sair?”, “Te cala, meu filho”, “Isso aí é princípio de produzir essa raiz que eu tô falando”, “umbora”, “destar”, “aí”, “por aí que aconteceu assunto de Timbó”, “vamo lá pescar”. Ingedore Koch defende que a linguagem é:

[...] atividade. É forma de ação entre indivíduos orientada para uma finalidade, é um lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes (KOCH, 1997, p. 9)

A atividade linguística empenhada por Clemente Flores não é a da mera comunicação, apesar de utilizar um vocabulário e estrutura linguísticos do cotidiano. Ele ocupa um espaço da memória coletiva de um povo. Nesse sentido é inclusive detentor de poder, já que poucos naquela comunidade detêm o conhecimento que Clemente Flores detinha.

2. Comparando a lenda do timbó com outros contos da literatura contemporânea

2.1. Narrador intruso

O narrador intruso encontrado em Clemente Flores apresenta características semelhantes ao processo narrativo de Machado de Assis. Esse processo performático é comum na literatura escrita, inclusive desde Machado de Assis. O narrador machadiano interrompe a narrativa para tentar estabelecer uma comunicação direta com o leitor e ainda “chamar” a atenção para os detalhes que quer ressaltar. Em *Dom Casmurro*, o narrador diz:

Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini (p. 12); Não me tenhas por sacrilégio, leitora minha devota... (ASSIS, 2004, p. 18); ...não creio que houvesse iguais na cidade, nem os seus, leitora, que eram então de menina (ASSIS, 2004, p. 129).

Nessa perspectiva, encontramos na narrativa de Clemente Flores semelhanças com o narrador machadiano: “Essa daí, tu sabe como sair?”; “[...] que tu sabe que raposa de noite anda ao redor da casa, né?”; “Eu, na minha opinião [...]”. O narrador indígena busca estabelecer um canal de comunicação com o ouvinte, assim como o machadiano.

2.2. A personificação trazida para o fantástico

O conto “O meu tio o Iauaretê”, de João Guimarães Rosa, pertencente a *Estas estórias* que foi publicado em 1969. O enredo trata das aventuras de um onceiro, que de tanto conhecê-las (as características das onças e o seu habitat), passa a se identificar com elas. Chega a considerá-las parente. Tonho Tigreiro se apaixona pela onça Maria-Maria, a qual lhe atribui características superiores a de uma mulher:

Ã-há. Maria-Maria é bonita [...] Bonita mais do que alguma mulher Nhem? Ela ter macho, Maria-Maria?! Ela tem macho não. Xô! Pá! Atimbora! Se algum macho vier; eu mato, mato, mato, mato, pode ser meu parente o que for! (ROSA, 1985, p. 175)

Seria possível um ser humano se apaixonar por uma onça, no sentido feminino dessa paixão? No texto de Rosa, encontramos esta possibilidade, reforçada pelas características personificadas da onça Maria-Maria, que ainda segundo Tonho Tigreiro, é sensual e mais bonita do que alguma mulher. E da mesma maneira encontramos em Clemente uma relação entre um ser humano e um animal, neste exemplo chegando inclu-

sive ao acasalamento de uma anta e um humano e como resultado deste acasalamento um filho com poderes especiais. Seria possível um recém-nascido possuir tamanho poder?

O leitor pode acreditar nesta possibilidade até o final, desconsiderando as leis naturais. Características esta, Fantástica que também podemos destacar em “O Filho do Vampiro”, de Júlio Cortázar:

O rosto de Duggu Van não era agradável, a quantidade de sangue ingerido desde sua suposta morte no ano de 1060 (CORTÁZAR, 2010, s/n) [...] E quando veio o dia estabelecido para o alumbramento, os médicos disseram que aquele ia ser um parto estranho (CORTÁZAR, 2010, s/n)

E neste mesmo sentido é possível identificar em “O filho do Vampiro” uma criança ainda em estado gestacional, mas que também nos apresenta poderes especiais. A criança de quem falamos é fruto da relação de um Vampiro e uma mulher. À medida que a criança vai crescendo de forma intrauterina, sua mãe vai morrendo, pois está transferindo todo o seu sangue, sendo sugada pela criança.

2.3. O tempo

Encontramos semelhanças na marcação do tempo, em “Meu Tio, o lauretê”. A narrativa se passa em uma única noite. É possível compará-lo a uma noite de contos de causos comuns nas regiões de interior. A narrativa das aventuras de Tonho, que vai até o amanhecer, quando se dá o desfecho, uma briga: “Tenho dela hoje não”; “chega só amanhã de tarde”; “Vigia a lua como subiu”.

Os marcadores discursivos (hoje, amanhã, tarde, a lua subiu) vão nos situando no tempo em que a história está acontecendo. E desta mesma maneira, Sr. Clemente nos apresenta o tempo de maneira cronológica, nos apresenta também os marcadores discursivos temporais de forma direta (“uma criancinha de mais ou menos três anos”; “Aí ficou de noite”; “E passa, e passa e passa tempo”; “Aí ele ficou já homem”; “Passaram meses, passaram meses, passou ano”; “Aí ficou grandezinho de sete, oito anos.”).

Percebemos então que os marcadores discursivos são utilizados tanto no texto de Rosa, na narrativa de Clemente Flores. O que faz com que as narrativas atuem de maneira semelhante quanto à informação do tempo transcorrido.

2.4. Espaço

O espaço é bem definido pelo narrador que situa o leitor de forma simples e clara quanto à localização espacial dos personagens. Em Clemente Flores, a lenda de Timbó passa-se entre as fronteiras de Brasil e Venezuela, o narrador situa geograficamente o lugar onde se passa a história: “[...] por aqui pela Venezuela, por aqui pelo Brasil. Pelo Suapi [...]”.

Já em “Meu Tio, o Iauaretê” o espaço não é preciso, mas pelos aspectos gerais de mato virgem, região de sertão, é provável estar das mediações do norte de Minas, Bahia. Trata-se de uma região isolada onde vivem várias espécies de onças e que elas dominam o lugar. Mas ao nos aprofundarmos no ambiente, encontramos similaridades com Clemente Flores, uma vez que ambos retratam um meio regional, nos descrevendo peculiaridades e as características da região onde as narrativas acontecem.

2.5. Personagens

Ao analisarmos a apresentação das personagens, as semelhanças também são percebidas. Em “Meu Tio, o Iauaretê”, Rosa nos apresenta várias personagens durante a narrativa, entre eles: Nhô Nhuão Guedes; Maria-Maria; Mar’Iara Maria; Seo Reoporo; Preto Tiodoro; Seo Rauremiro; Gugué; Antunias; Preto Bijibo; Maria Quirinéia. Além de todas as onças do conto a quem Tonho lhes atribuía adjetivos e características. No entanto, Rosa nos traz os animais de forma personificada, as onças são tratadas com característica humanas (belas, astutas, inteligentes, orgulhosas, consideradas, inclusive, parentes do narrador). As personagens de Clemente se aproximam das personagens de Rosa, uma vez que, também são trazidas para a forma humana, personificadas, através da D. Raposa (rouba o menino e cuidar como filho), no acasalamento da D. Anta com um seu humano e que resulta em uma gravidez e ainda nas personagens falarem e interagirem como seres humanos. Destacamos o seguinte trecho da narrativa: Dona Raposa, Dona Anta: “...a raposa andando, Dona Raposa, aí umbora, meu filho, pegou essa criança e levou; “tu vai ser meu marido”.

2.6. Linguagem

Da mesma maneira, seguimos comparando a linguagem. Em Rosa, a linguagem usada seria próxima da fala do sertanejo mineiro. O autor se preocupa em grafar os vocábulos da maneira mais parecida de como se fala (cê, tou, mecê, despois, evém, aperceio, eu cá sei?, hum-hum, percurar, lugaroso, mor de desonçar, Seo Tiodoro, proseava, dei'stá.). Há, assim, semelhança na linguagem utilizada por Clemente; em alguns trechos, utiliza palavras de sua língua materna, ou seja, narra da mesma forma que usa sua fala do dia a dia com toda a sua regionalidade presente: “esse daí, tu sabe como sair?”; “Isso aí é princípio de produzir essa raiz que eu tô falando”; “umbora”, “destar”, “aã”; vamo lá pescar”, palavras emprestadas da língua indígena: caxiri, capoeiro, Aimara.

Neste trabalho não aprofundamos as questões culturais e de identidade, nos atemos às comparações para identificarmos semelhanças entre uma narrativa oral e narrativas contemporâneas. Este aprofundamento terá continuidade em outro momento.

Nossa intenção ao efetuarmos comparações de uma narrativa oral com obras de autores de obras da literatura contemporânea foi de nos apresentar possibilidades infinitas de aprendizado e de conhecimento já produzidos ao longo do tempo.

Consideramos ambas importantes, cada uma dentro de sua característica e finalidade, já que as duas nos apresentam o encantamento da palavra sendo repassada através das gerações. E este encantamento nos enriquece com etnossaberes, culturas e principalmente a interação entre os povos através da Literatura. Ao mesmo tempo, buscamos comparar esses textos para mostrar como são parecidos dentro de uma perspectiva de análise literária.

Valorizar narrativas como a de Clemente Flores é respeitar a história de um povo e sua complexidade, povo que, dentro possível, conseguiu manter parte das histórias como a do Timbó e de narradores como Clemente Flores.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BOM MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. Pressupostos. In: *Fon-tes orais: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/P/personificação.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2010.
- CORTÁZAR, Júlio. O filho do vampiro. Disponível em: <<http://douglasdickel.blogspot.com/2009/04/o-filho-do-vampiro-julio-cortazar.html>>. Acesso em: 21 jul. 2010.
- FIOROTTI, Devair Antônio. *A palavra encena: uma busca de entendimento da linguagem poética a partir de Manoel de Barros*. Brasília: UNB, 2006.
- _____. *Projeto de narrativa oral Indígena: registro e análise na terra indígena do Alto São Marcos*. UERR: Boa Vista, 2006.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7. ed. 7. imp. São Paulo: Ática, 2002.
- KOCK, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/foco/index.html>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- MACHADO, Ananda. *Projeto registros de narrativas indígenas em Roraima*. Boa Vista: UFRR, 2010.
- MASSARANBUBA, Elisabeth de M. *Teoria e exemplos*. <http://falabonito.wordpress.com/2007/02/05/narracao_teorica-e-exemplos>. Acesso em: 14 mai. 2010.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- PEREIRA Jr., Luiz Costa. Machado e uma vitória do estilo. *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo: Segmento, 2009, ano 4, nº 49.
- ROSA, João Guimarães. *Estas histórias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.